**SALA DE CONVERSATÓRIO: UM ESPAÇO REFLEXIVO**

Eliakin Ramos Moura da Silva (bolsista do projeto PROLICEN)

Maria Cláudia Rocha (bolsista do projeto PROLICEN)

Cláudia Vanessa Cavalcante Pereira (voluntária do projeto PROLICEN)

Janaína Gomes da Silva (voluntária do projeto PROLICEN)

Cláudia Cristina do Lago Borges (professora coordenadora do projeto PROLICEN)

Regina Célia Gonçalves (professora colaboradora do projeto PROLICEN)

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Departamento de História – DH

Programa de Licenciatura – PROLICEN

INTRODUÇÃO

Em uma visão panorâmica, pré-história e história indígena são vistos como dois mundos, dois universos distantes. Com efeito, historiadores e historiografia tendem, muitas vezes, a consolidar esses momentos históricos, abrindo mão de um olhar que denote uma continuidade entre eles. Para isso foi criada a “sala de conversatório”[[1]](#footnote-1). Por meio dele, as reflexões acerca da continuidade histórica entre pré-história e história indígena foram promovidas, envolvendo professores, tanto da academia quanto das escolas do ensino básico, alunos do curso de história e de outras áreas, diretores da escola pública entre outros onde, por meio das pesquisas fomentadas e apresentadas pelos bolsistas e coordenadores do projeto, aferimos a importância do debate e desse espaço reflexivo, para a quebra de um círculo vicioso no ensino de história.

OBJETIVOS

Nesse sentido, o escopo do presente projeto, partindo de uma posição geral para uma específica, revela-se numa ampliação do debate sobre a pré-história, da história indígena e da própria educação, (re)definindo seu conceito, sua utilização no debate acadêmico e no processo de transmissão do conhecimento, articulando a outras discussões e conferências. Não pouco, objetiva-se, também, a atenuação entre o saber acadêmico/universitário e o saber público/escolar, atentando, mediante essa simbiose, para uma discussão e verificação dos currículos de ensino superior e da educação básica, lançando perguntas como: *onde eles são executados?* *Quem são os seus agentes produtores*? *Quais são as circunstâncias nas quais eles são criados* entre outros. Por fim, um ensejo a uma produção didático-metodológica que almeje o despertar do senso crítico do aluno, suas habilidades cognitivas entre outros. No campo das especificidades, pretendemos desconstruir a ideia de uma história “cristalizada”, que, nesse caso, retrate a pré-história e a história indígena como dois momentos históricos distintos. Diante disso, pretendemos atentar para a concepção de “continuidade histórica” entre um e outro fato histórico. Não pouco, torna-se de extrema importância, também, o fomento e a apresentação de propostas didático-pedagógicas para utilização em sala de aula, visando a construção e a (re)descoberta do senso crítico do discente, sua capacidade cognitiva para os conteúdos aplicados e vistos em sala de aula etc. Por fim, a conclamação para reiteração da importância da prática docente para mediação e problematização desses temas, sua importância no processo de ensino-aprendizagem, a necessidade da efetivação do “espaço reflexivo” no *métier* docente, a auto-avaliação, a autocrítica para melhora no ensino de História.

METODOLOGIA

Basicamente, a metodologia aplicada para a efetivação dessas atividades se deu mediante as “salas de conversatório” na qual, alunos, professores e interessados no debate problematizaram as causas e as consequências de uma história que retrata uma discrepância temporal entre pré-história e história indígena. Para isso, foram analisados livros didáticos, em que se buscou identificar as lacunas da historiografia indígena brasileira e o pouco espaço destinado ao ensino da história dos povos indígenas do Brasil, mesmo quando esse ensino tem como base de obrigatoriedade a Lei 11.645 de 10 de Março de 2008. Nos currículos de ensino local, regional, nacional e acadêmico, buscamos abordar os recursos oferecidos para se trabalhar em sala de aula, os temas que são objetos de estudo desse projeto.

Outra meta de pesquisa foi/e está sendo as propostas curriculares acadêmicas em nossas universidades, entender um pouco como estes temas são tratados em outros espaços de conhecimento e produção, e como tem sido realizadas os círculos de discussões sobre os primeiros povos ameríndios e os povos indígenas do Brasil. Objetivando propostas para desconstrução desse círculo vicioso no ensino de história, promovendo, também, soluções e/ou saídas para a reformulação da história e sua transmissão, em sala de aula. Não pouco, a “sala de conversatório” tem (teve) um objetivo “metalinguístico” no sentido de, por meio das discussões promovidas, se consolidarem como um *lócus* de “espaço reflexivo”, um local que, não apenas, enseje uma sensibilidade didático-pedagógica para o ensino, mas que, antes, conduza o corpo social envolvido em suas atividades a auto-avaliação, sua sensibilidade e seu senso crítico para entender que, o único motivo pelo qual se faz essa discussão, se deve ao fato da causalidade histórica, da evolução do homem e sua longa jornada de aprendizado, desde a pré-história, passando pela história indígena, até os dias atuais.

JUSTIFICATIVA

Acreditamos ser de extrema importância o debate em torno da continuidade histórica entre pré-história e história indígena por entendermos que a evolução humana (crença, costumes, culturas e sociedade) não foi gerada do nada. Se passarmos de coletores de alimentos para o *fastfood* foi por uma incrível necessidade de sobrevivência, onde o aprimoramento da tecnologia está associado ao melhor aproveitamento do tempo. Se chegarmos à era da informática, dos nano chips, da utilização de células troncas e das relações humanas “virtuais”, nada disso foi fruto do ocaso humano. Diante disso, torna-se de extrema importância o debate em apreço. Com efeito, as desconstruções de mitos históricos e de círculos viciosos presentes na história tendem a escamotear todo esse processo evolutivo, suas rupturas e permanências. Mais do que a polissemia histórica, pretendemos trazer propostas que alicercem esse debate na academia e no processo de ensino-aprendizagem, fomentando para a concretização desse espaço de reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, os debates ocorridos no decorrer desse projeto revelaram-se importantes para consolidação/efetivação das propostas oferecidas aos professores, alunos e todos os demais interessados, no qual, foi verificado um positivo estreitamento entre os saberes da academia com os saberes de história da educação básica, com a participação de diretores de escola, supervisores entre outros. Não pouco, podemos dizer que a “sala de conversatório” despertou todos os envolvidos para o sentido “reflexivo” do fazer o do pensar história, na sensibilidade no ato da leitura nos PCNs e nos referenciais didáticos de ensino, refletindo para uma produção didático-pedagógica crítica, que fomente uma problematização de uma história polissêmica, em detrimento e contraposição a uma história eurocêntrica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL.*Constituição da República Federativa do Brasil***.** 1988. http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/

 \_\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/BB 14/1999*. Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas.* Brasília, 1999. <www.mec.gov.br/cne>. Acesso em 12/08/2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria de Educação e Cultura. Gerência da Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Referencias Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural*. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

MEC/INEP. <http://emec.mec.gov.br/>

MITHEN, Steven. *A pré-história da mente*. São Paulo: Unesp, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo:* uma reflexão sobre a prática. Trad. Ernani F. da F.Rosa 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

1. Termo utilizado em palestras, reuniões e/ou debates visando o estreitamento das relações entre o interlocutor e o ouvinte. Esse conceito é mais comum em países latino-americanos de língua espanhola. [↑](#footnote-ref-1)